5.º ANO LISBOA—SABADO, 18 DE ABRIL DE 1925 N.º 1236

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: C. 3:195 Redacção: C. 3:194
Endereço telegrafico: DIBOA

NO PARQUE EDUARDO VII

Rebentou hoje
um movimento militar
CHEFIADO
por Filomeno da Camara

FILOMENO DA CAMARA

O movimento ha tanto tempo anunciado, de caracter conservador, e com caracteristicas mais ou menos militares — e sobre o qual se fez silencio ha cêrca de um mez — rebentou esta manhã, com surpreza quasi geral para o publico, ainda que os jornalistas e alguns elementos da politica activa dos grupos militantes, dele tivessem conhecimento.

A's 8 horas da manhã os elementos militares comprometidos para o movimento chegavam á Rotunda, campo de concentração das forças, em cujo morro, exactamente aquele onde estiveram as peças de Sidonio Paes, se encontram agora 8 batarias de artilharia de Queluz.

A primeira unidade a chegar, em peso, foi o regimento de sapadores mineiros, comandado pelo coronel sr. Raul Esteves.

Quasi na mesma ocasião, artilharia de Queluz, grupo a cavalo, comandada pelo tenente-coronel Malheiros.

A estas unidades se juntou o Regimento de Metralhadoras de Campolide, sob o comando do capitão Baptista, em cujo quartel, pegado á Penitenciaria, e que é amplo, se encontram os elementos superiores do movimento, tendo por dirigente o comandante de marinha, sr. Filomeno da Camara, fardado.

As embocaduras das ruas, que levam ao parque Eduardo VII, e Campolide, estão defendidas por metralhadoras.

Por volta das 8 e meia as baterias de Queluz fizeram dois tiros, tendo um caído no Poço do Borratem, atingindo um predio alto, e matando um homem. O comandante Filomeno da Camara ordenou que não se fizessem mais tiros.

O local de concentração das tropas—a que é uso chamar Rotunda, e que melhor se pode designar pelo alto da Penitenciaria—está tambem concorrido de bastantes civis, ligados ao movimento, mas desarmados.

O aspecto é contudo absolutamente militar, com transito de automoveis, camiões, vedetas pelos montes, e metralhadoras ocultas entre arbustos.

A senha do movimento é «Patria e Gloria».

Uma carta

A Exposição de Belas Artes

Do nosso camarada na imprensa e brilhante escritor sr. Bourbon e Menezes recebemos a seguinte carta:

Meu caro amigo.—A fraternidade é um quindim tão desacreditado que já Metternich dizia que se tivesse um irmão nunca lhe chamaria senão primo. Sem impugnar, pois, o descredito da fraternidade, tanto mais que eu decidi ha muito conter severamente os meus caprichosos assômos de *homo pugnax*—como o sr. Afonso Lopes Vieira não penso agora senão em salvar a minha alma!—permita-me v. que em letra redonda eu agradeça ao sr. Alfredo Pinto (Sacavem) a gentilesa com que notou na sua noticia critica da exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes, anteontem estampada no *Jornal do Comercio e Colonias*, a colocação que ali se entendeu dar ao quadro *Retrato de minha irmã*, firmado por D. Helena Falcão de Bourbon e Menezes. O sr. Alfredo Pinto (Sacavem) foi justo no seu reparo e como a justiça vai sendo, entre nós, tanto em coisas de arte como de letras, uma virtude que os cenáculos e as capelinhas deixam ás portas respectivas para servir de capacho a quem entra, eu quero assinalar publicamente a isenção do noticiarista, erguendo-lhe aqui, em duas palavras, um padrão de reconhecimento.

Aproveito o ensejo para acentuar que a associada da Sociedade Nacional de Belas Artes, D. Helena Falcão de Bourbon e Menezes, tem um irmão que pouco uso faz já, na imprensa, da sua pena rasoavelmente adextrada na esgrima do adjectivo e do adverbio, mas, em todo o caso, muito capaz de ir arrancar por suas mãos, na subsequente exposição, do recanto onde se lembrem de o meter—para gaudio de varios e incipientes trocatintas de ambos os sexos a quem foram dados agora lugares de realce—qualquer trabalho daquela senhora que não valia menos do que o retrato de minha irmã.

O reumatismo, acavalado noutras molestias, entrou comigo até o ponto de me tolher grandemente a elasticidade dos movimentos. Mas este emperramento é só dos ossos e para firmar um protesto de ordem moral basta um quasi nada de fisico—contanto que o espirito seja suscetivel das dinamisações em que se desafoga a indignação legitima.

E' o meu caso.

Felizmente!

Creia-me sempre camarada e amigo obrigado—*Bourbon e Menezes.*

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos—A's 21.30—Concertos do «Trio de Paris».
Nacional—A's 21.15—«O Abade Constantino».
Trindade—A's 21—«As Tangerinas Magicas».
S. Luis—A's 21—«Rato de Hotel».
Avenida—Não ha espectaculo.
Politeama—A's 21—«A Massaroca» e «Vem cá, não tenhas medo!».
Apolo—Não ha espectaculo.
Maria Vitoria—Não ha espectaculo.
Eden—A's 20,45—Variedades.
Salão Foz—A's 20.45—Variedades e cinema.
Bal-Tabarin Montanha—Variedades.
Salão Alhambra—A's 21—Variedades.
Coliseu dos Recreios—Não ha espectaculo.

ANIMATOGRAFOS

Tivoli—Avenida da Liberdade.
Olimpia—Rua dos Condes—«Matinée» e «soirée»
Chiado-Terrasse—Rua Antonio Maria Cardoso.
Cinema Condes—Avenida da Liberdade.
Salão Central—Praça do Restauradores
Salão Ideal—Rua do Loreto.
Cinema Gil Vicente—A' Graça—Domingos, Segundas, Quintas e Sabados.
Cine-Paris—Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora—Largo do Calvario.
Eden Cinema—Rua do Alvito.
Salão-Rocio—Rua do Arco do Bandeira.
Cinema Belem—Rua Paulo da Gama.
Cine Tortoise—Campolide—Quartas, quintas, sabados e domingos.

TAUROMAQUIA

O trajo dos cavaleiros portugueses EM PRAÇA

A talho de foice, vem (agora, que Cañero apareceu por cá trajando de andaluz) pensar no vestuario dos nossos cavaleiros em praça. A casaca de seda e chapeu de plumas são restos duma tradição gentil do seculo XVIII, quando a lide dos toiros reais, sómente confiada á nobresa, precedida era dum cortejo de espavento, com a entrada na arena em coches de gala, creados de libré com as cores e emblemas das respectivas casas, charameleiros, pagens, moços de estrebaria a conduzirem á mão corceis de preço, ajaezados com fausto—tudo subordinado a regras de côrte, nas cortezias que eram uma demonstração do poderio e riqueza dos fidalgos que nas festas reaes tomavam parte: a toirada mesmo era um numero dos torneios e mais festanças a que o povo assistia de graça, feliz e ordeiro (nesse tempo a malandragem estava presa ou esperneava na forca!), gosando em dias sucessivos espectaculos de pompa e luxo que, ha muito, são, em Portugal, impraticaveis.

Simão da Veiga (filho), a pretexto de ter de se apear, apareceu, com Cañero, trajando como este. A'parte a transigencia que bole no nosso orgulho de povo independente (qualidade que mais se apregôa á medida que enfraquece) é de mau gosto, a redundar numa macaqueação desairosa. Só o andaluz sabe vestir de «corto», para o que possue uma elegancia vibratil, como as hiperboles da sua linguagem e pragas ricas de côr local...

Posta de parte a casaca, hoje mais do que nunca descabida, que instintivamente começa a cansar os olhos do publico, pelo sentido de inoportuna e deslocada do tempo e do meio, convem adoptar um fato, já mais ou menos aceite nas arenas e que não se afaste de moldes portugueses. O Ribatejo é a região dos touros, tem no campino o traje mais caracteristico do país: o lavrador da região, sem recuar muito no tempo, vai encontrar-se um traje rico, sem deixar de ser viril, moldado nos habitos do campo, usado nas esperas e «tentas» pela rapaziada toureira da primeira metade do seculo XIX, lembrando pela analogia o fato de campino.

Jaleca, não muito curta de veludo, azul ferrete, com alamares de prata (de pano azul a de campino, com botões amarelos); colete aberto do mesmo tecido e côr, sobre a camisa branca de peitilho levemente bordado e rendilhado com sobriedade; o calção de malha em mescla escura, de alçapão modelando a coxa, de botões no joelho (tal como se usa com a casaca); sapato de salto de prateleira e polaina justa branca ou de cabedal encebado, espora de prata e de correia, como tambem se põe na bota «á fredrica».

Resta pensar no chapeu. Temos no Alemtejo o chapeu á serrana tão nosso e tão bonito; mas ainda resta o chapeu de aba larga e mole, levemente dobrada para cima, (o «sevilhano» de aba rija, como madeira, tambem em Espanha foi posto de parte) que uma fita, passada ao centro, segura inteiramente. A copa afigura-se-me que deverá ser mole, semelhando no arranjo o chapeu de quatro sôcos dos nossos avós, que o chapeu á serrana forma, do que julgo, os dois tipos unicos de chapeus mais ou menos portugueses.

Sabido como é, que o fulcro das toiradas em Portugal, foi sempre o toureio a cavalo, para este deverá olhar-se com atenção, não só porque continua a ter bons cultores; mas tambem por que em volta dele gira a curiosidade popular. Em corridas organisadas com elementos nacionais, toda a gente indaga e procura quem são os cavaleiros e só atraída por estes compra lugares. Por essas praças ribatejanas o povo vibra com eles e aquece com os forcados: são as duas fases que o interessam, na sua rudeza franca de gente da terra. «Vá prá unha!» Eis o grito constante em centenas de bocas que assobiam os capotes por sistema e quasi igualam o meu soberano desdem pela ignorancia dos nossos peões...

Em Espanha tambem não agrada o modo de trajar dos nossos cavaleiros que com a sua abolição até lá terão a ganhar.

De resto, isto não passa dum alvitre, ha muito pensado, a proposito do verdadeiro traje de lavrador ribatejano, estudado em papeis velhos, visto por um tradicionalista, consciente do que deseja e quere, que ama os velhos costumes e tradições, e por eles pugna no que tenham de compativel com a nossa qualidade de europeus. Mas que nunca se estrangeire a terra, a fim de não perdermos de todo o que de vós proprios resta e que, louvado seja Deus! o Ribatejo ainda vem mantendo!

Motta Cabral

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Maria Madalena de Trigueiros Martel Patricio, D. Maria Miquelina Magalhães e Silva, D. Margarida de Melo Falcão, D. Maria Emilia Cabral da Silva e D. Maria Izabel Tenreiro Ilharco de Campos Viana.

E os srs.:

Barão de Hortega, dr. Antonio Vasco Ribeiro Valente, dr. Armando Cancela de Matos Abreu, D. Francisco de Carvalho Rebelo de Meneses (Paço), Hugo Navarro de Andrade Belmarço, Guilherme de Barros Pereira de Carvalho, Antonio Roberto Rodrigues Casaleiro e Luis Manuel Wrem da Silveira Viana.

A Caridade

«Adão e Eva»

Devido á falta de espaço reservamos para o proximo numero a noticia referente á engraçada revista «Adão e Eva» que nas noites de ante-ontem e ontem se representou por distintos amadores no S. Luis, em recitas de caridade, original do sr. dr. Francisco Pais de Sande e Castro, com musica do sr. Armando da Camara Rodrigues, a qual obteve nas duas noites um grandioso sucesso.

«Na casa Alcobia»

Para o «chá de caridade» de segunda-feira na casa Alcobia, á rua Ivens, estão segundo nos informam, feitas numerosas combinações entre as principais familias da nossa aristocracia. Estes «chás» prolongar-se-hão até ao fim do corrente, ás segundas e quintas-feiras, tendo a ilustre comissão organisadora em preparação para a ultima quinta-feira deste mez uma sensacional surpresa, que; decerto atrairá ai uma enorme concorrencia.

«Florinhas da Rua»

Está despertando grande interesse a grandiosa festa hipica que no domingo 26 do corrente se realiza no magnifico campo de obstaculos de Sete Rios, da Sociedade Hipica Portugueza, que acaba de ser completamente transformado, tornando-o mais vasto, levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa aristocracia a favor da benemerita instituição de caridade «Florinhas da Rua». Os bilhetes para esta festa marcam-se na séde da Sociedade Hipica Portugueza, á rua Ivens.

Em viagem

Hospede de seu primo o sr. dr. Arnaldo de Albuquerque da Fonseca, esteve em Lisboa o major sr. Bento de Vasconcelos de Magalhães e Menezes.

—Acompanhado de sua esposa a sr.ª D. Maria José Ordaz Caldeira Pinto Cardoso, e de seus gentis filhinhos, encontra-se em Lisboa, vindo da sua quinta do Vale do Remeiro, em Castelo Branco, o sr. José da Cunha Menezes Pinto Cardoso.

A NOBRE ARTE

Grandes combates de box

Lisboa inteira vai ter esta noite ocasião de apreciar um az do box, o grande e celebre Reginald Demy, numa colossal pugna pugilistica como campeão do Canadá. Tal acontecimento desportivo realiza-se no «Cinema Condes», reproduzido no gigantesco film «Boxeur aristocratico», uma série-joia de que se exibe o 1.° round de 30 minutos em duas partes. E' um verdadeiro assombro que todos os *sportmen* e todos os artistas devem apreciar hoje, na soirée da moda, juntamente com o colossal cine-romance «Mandrim» e outros triunfos do écran.

PINTO & SOTTO MAYOR, LIMITADA

Para os devidos efeitos se anuncia que, por escritura de 27 de Março ultimo, outorgada perante o notario Tavares de Carvalho, desta cidade, foi constituida uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

Art. 1.°

De harmonia com a lei e com os presentes estatutos, é constituida uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, sob a firma PINTO & SOTTO MAYOR, LIMITADA, a qual terá a sua séde em Lisboa, o seu principal estabelecimento na rua de S. Julião n.° 174, 1.° andar, e uma filial no Porto, e poderá criar sucursais, agencias ou qualquer outra forma de representação em qualquer terra do paiz, das colonias ou do estrangeiro.

Art. 2.°

O objecto da sociedade é a exploração do ramo de comercio designado por agencia de emprezas de navegação nacionais ou estrangeiras, para transporte de passageiros ou mercadorias e de qualquer outro negocio ou industria conexa com este, em cuja exploração os socios acordem, com excepção dos do ramo bancario.

Art. 3.°

A duração da sociedade é por tempo indeterminado, contando-se para todos os efeitos o seu inicio desde 1 de Janeiro de 1925. O ano social corresponderá ao civil.

Art. 4.°

O capital da sociedade é de 500 contos, inteiramente subscrito e realizado e correspondente ás seguintes quotas: — duas de 125 contos cada uma, subscritas em dinheiro pelos socios Antonio Vieira Pinto e dr. Candido Sotto Mayor Junior; e uma de 250 contos, subscrita pela firma Pinto & Sotto Mayor, parte em dinheiro na importancia de 150 contos, e a outra parte na importancia de 100 contos, representada pela quota que lhe pertence na sociedade por quotas «Agencia Iberica de Navegação e Transportes, Limitada», que por esta escritura transfere para esta sociedade, com todos os seus direitos e obrigações, transferencia autorizada pelo paragrafo unico do art. 8.° da escritura de constituição daquela sociedade, de 19 de Dezembro de 1924, lavrada nas notas deste cartorio —, e pelos demais valores mobiliarios de qualquer natureza que constituem a Secção Maritima dentro da sociedade comercial em nome colectivo Pinto & Sotto Mayor.

Art. 5.°

Não serão exigiveis prestações suplementares de capital, mas qualquer dos socios poderá fazer á sociedade os suprimentos de que esta carecer, os quais vencerão juro igual á taxa de desconto do Banco de Portugal e mais 1 por cento.

Art. 6.°

Nenhum dos socios poderá ceder a sua quota ou parte dela a pessoas estranhas á sociedade, sem previamente dar conhecimento a esta, por meio de carta registada, na qual indicará a pessoa que pretenda adquiri-la e o preço por que se pretende fazer a cessão. A' sociedade caberá sempre o direito de preferencia, devendo declarar se pretende usar dele no prazo de 10 dias a contar da data do aviso por carta registada, sob pena de perder aquele direito. No caso de a sociedade não querer usar do direito de preferencia, caberá este direito individualmente aos socios, para o que, nesta hipotese, serão avisados pela gerencia da sociedade no prazo de 15 dias a contar do aviso por carta registada, devendo, por sua vez, responder no prazo de 10, a contar do aviso da gerencia, sob pena de perderem o direito de preferencia. Quando mais d'um socio individualmente pretenda usar do direito de preferencia, será a quota cedenda repartida, proporcionalmente ao valor das suas quotas anteriores.

Art. 7.°

No caso de a sociedade ou os socios quererem usar do direito de preferencia, o preço a pagar pela quota será o que lhe tiver sido atribuido no ultimo balanço, acrescido dos lucros ou deduzidos os prejuizos da parte do exercicio decorrida até á data da escritura de cessão, e acrescida ainda a parte correspondente do fundo de reserva.

Art. 8.°

E' livre a cedencia total ou parcial de quotas entre socios.

Art. 9.°

No caso de falecimento ou interdição de algum socio, poderá a sociedade, querendo, amortizar a quota do socio falecido ou interdito pelo valor que lhe tiver sido atribuido no ultimo balanço, acrescido da parte correspondente do fundo de reserva e acrescido dos lucros ou deduzidos os prejuizos da parte do exercicio decorrida até á data do falecimento ou interdição, pagando-a aos herdeiros do socio falecido ou interdito por meio de letras aceites pela sociedade, representando quatro prestações iguais com vencimento a 3, 6, 9 e 12 meses, a contar da data do falecimento ou interdição.

Paragrafo unico — No caso de a sociedade não amortizar a quota do socio falecido ou interdito, terão os herdeiros ou representantes destes de nomear um de entre si que os represente em todas as relações com a sociedade.

Art. 10.°

A gerencia e administração da sociedade e a sua representação em juizo ou fora dele caberá a todos os socios indistintamente, todos podendo usar da firma social, sem necessidade de prestação de caução; mas não poderão usar dela em fianças, abonações ou letras de favor e em geral para quaisquer actos ou contractos estranhos aos negocios sociais, sob pena de terem de indemnisar a sociedade dos prejuizos que lhe causarem. Pela gerencia, receberão os socios a remuneração que lhes fôr arbitrada em assembleia geral dos socios, da qual se lavrará a respectiva acta. A sociedade poderá, além disso, contractar um ou mais tecnicos, nos quais delegue a gerencia de todos ou parte dos negocios sociais, mediante a remuneração que lhes estipular e com as atribuições que no respectivo mandato lhes conferir.

Art. 11.°

As reuniões dos socios serão convocadas pela gerencia por meio de carta registada.

Art. 12.°

Os socios Antonio Vieira Pinto e Dr Candido Sotto Mayor Junior poderão retirar mensalmente da caixa social, por conta dos lucros, qualquer quantia até á importancia que fôr fixada em assembleia geral dos socios, da qual se lavrará a respectiva acta.

Art. 13.°

O balanço de cada exercicio será encerrado em 31 de Dezembro, devendo ser discutido e aprovado com as contas do mesmo até ao ultimo dia do mês de Fevereiro.

Art. 14.°

Dos lucros apurados, retirar-se-hão 5 por cento para fundo de reserva, até estar preenchido ou sempre que seja preciso reintegrá-lo; o remanescente repartir-se-ha pelos socios, em proporção das suas quotas, levando-se em conta aos que tenham feito quaisquer retiradas por conta dos lucros, as importancias levantadas.

Art. 15.°

Nenhum socio ou seus herdeiros poderá requerer embargo, imposição de sêlos, arrolamento ou arresto dos bens sociais, devendo reportar-se sempre á escrita da sociedade e ás decisões das assembleias gerais.

Art. 16.°

Quando qualquer socio pretender a dissolução da sociedade, poderão os outros socios amortizar-lhe a quota, pagando-lha nos termos estabelecidos no art. 9.° para o caso de falecimento ou interdição.

Art. 17.°

Todas as questões entre os socios ou entre estes e a sociedade, oriundas do presente contracto ou relativas a quaisquer negocios sociais serão resolvidas por meio de arbitragem. O socio que, para isso notificado, se recusar a assinar a escritura de compromisso arbitral, terá de pagar á sociedade, socio ou socios interessados na questão, como multa, a importancia de 20.000$00.

Art. 18.°

Para todas as questões que possam derivar do contracto social, fica estipulado entre os socios, como unico foro competente o da comarca de Lisboa com expressa renuncia a qualquer outro.

Art. 19.°

A firma associada Pinto & Sotto Mayor fica desde já autorizada, pela presente escritura a transferir a sua quota nesta sociedade para qualquer outra sociedade comercial em que venha a transformar-se, seja de que natureza fôr, sem necessidade de quaisquer avisos ou notificações aos demais socios.

Art. 20.°

Em tudo o mais não previsto nestes estatutos, regularão as leis aplicaveis, e designadamente a lei de 11 de Abril de 1901.

Lisboa, 1 de Abril de 1925.

O notario ajudante,
TEODORO DA CUNHA

O MOVIMENTO MILITAR

As forças governamentais e revolucionarias

estão prestes a romper as hostilidades

Os revolucionarios ocuparam as mesmas posições que Sidonio Pais no 5 de Dezembro.

A Rotunda — praça — está desguarnecida. Apenas civis, que ao estalido seco dum tiro, disparado por uma sentinela mais nervosa ou apenas para «experimentar», fogem como pardais!

Ao alto, no «morro Sidonio Pais» quatro peças de artilharia de Queluz. Atraz duma delas uma bandeira verde e encarnada, hasteada num pau vulgar. Uma delas tem ainda um tampão de «cautchou» no cano. Pilhas de granadas, num declive propicio.

Um oficial a cavalo de dolman entreaberto. Porque lá em cima faz calor. Ha mesmo uma calma de silencio, que presagia fogo, metralha, descargas de fuzilaria. Ainda nesse morro, quando o terreno desce quási junto do passeio, criaturas descarregam viveres. Ha galinhas vivas, de pernas atadas, no meio do trigo fresco e verde. Grandes cartuxos de papel atulhados de feijão e assucar. Os soldados estão á vontade. Conversam. Dezenas de muares, aqui e ali, deitadas, ou pateando forte na calçada.

As peças estão viradas para o rio, em direcção ao Alto de Santa Catarina. Vedetas de baioneta armada, em pequenos socalcos de terreno, enquadram o morro, como na balaustrada duma fortaleza.

* * *

O quartel general — é nas metralhadoras, onde esteve Manuel Maria Coelho, no 19 de Outubro, e mais tarde Ginestal Machado, então presidente do ministerio, a quando de uma tentativa revolucionaria. E' mesmo ao lado da Penitenciaria, onde está uma pequena força da G. N. R., que pede agora para ser desarmada. Uma pequena bandeira tremula á porta do quartel. Saem «camions». Aparece um da Anglo-Portuguese, dos telefones. O sr. Filomeno da Camara, com a sua farda, modesta e pobre, atende todos os jornalistas. O sr. Raul Esteves, de pingalim, ri e conversa. Civis poucos, á entrada do quartel. De momento a momento ouve-se um tiro. Mas a calma é grande — e a cidade parece adormecer, socegada, quieta, indiferente.

Na rua de S. Filipe Nery, onde se travou no 5 de Dezembro um combate entre a Marinha e o Exercito — tudo sitios historicos — passa agora um pelotão dos caminhos de ferro.

Descemos da Penitenciaria para a Rotunda, pelas terras. Vedetas. Em redutos — metralhadoras. Ao calor — os soldados dormem. Entre as carabinas, deitadas tambem, uma espada de copos de ouro. E' dum oficial que fala com um civil dos grupos. A penetração para o Rato e S. Sebastião da Pedreira começa agora.

13 horas. Sinel de Cordes, á paisana, passa em S. Pedro de Alcantara. Vai para a Quartel do Carmo. E' o «ultimatum» que passa.

Eis o primeiro quadro do movimento.

* * *

Desde as nove horas da manhã que o quartel do Carmo tem sido o foco de operações do governo.

O conselho de ministros, em reunião permanente, ainda não tinha, ao meio dia, respondido ao «ultimatum» dos revoltosos.

* * *

Perto do meio dia um automovel conduz, sob prisão, o sr. Cunha Leal. Foi preso pelos dois secretarios do sr. presidente do governo Claro Chaves e Godinho Amaral, quando regressava a sua casa, depois de ter estado na Rotunda.

Comentario dum civil:

—Pronto. Agora falta apenas prender os outros dois.

Os outros dois são Raul Esteves e Filomeno da Camara.

* * *

No quartel do Carmo, além do governo, encontram-se quasi todos os marechais da politica democratica: José Domingues dos Santos, Rodrigues Gaspar, Alvaro de Castro e o nosso ministro em Paris dr. Antonio da Fonseca.

* * *

Um secretario do presidente do governo declarou-nos ao meio dia que o governo ia responder a fogo aos revoltosos.

Os civis preparam-se para a lucta. Um grande movimento de «side-cars» e automoveis.

* * *

O conselho de ministros deliberou não dar nota oficiosa á imprensa e entregar a cidade ao poder militar sob o comando do general sr. Adriano de Sá.

* * *

Os bancos estão sendo vigiados por patrulhas da G. N. R.

* * *

Durante o dia foram disparados varios tiros em diferentes pontos da cidade...

* * *

O Arsenal da Marinha, fechou o portão de ferro, encontrando-se lá dentro uma força de marinha, que aguarda as ordens do governo.

* * *

Diz-se que o general Sinel Cordes, foi preso quando parlamentava no quartel do Carmo, com os membros do governo.

* * *

Informado o sr. Presidente da Republica do grande movimento que se estava realizando, imediatamente saiu do palacio de Belem acompanhado dos srs. Jaime Atias, e primeiro tenente sr. Arantes Pedroso, dirigindo-se para o quartel do Carmo.

Ao mesmo tempo saia do governo civil um automovel com civicos de carabinas, que já não o encontrou.

Logo de manhã foram mobilizados seis automoveis e seis «side cars», á ordem do sr. governador civil.

Pelas 5 e 30 da manhã passou em Campolide o grupo de baterias a cavalo de Queluz, seguido de um «camion» com granadas de mão. Pouco depois passavam tambem por ali dois esquadrões da G. N. R., com destino á Rotunda.

* * *

Cerca das 2 horas da tarde, ao cimo de rua Serpa Pinto, quando se dirigia para o governo civil o nosso camarada da imprensa Morais de Carvalho, foi assaltado por um grupo de revolucionarios civis, que quizeram impedir a sua passagem, sendo ferido na cabeça com uma pistola.

O policia de serviço assistiu, mas não providenciou.

* * *

Na Rotundo estão 12 peças de artilharia de 7 e meio, 60 metralhadoras, mmitas centenas de militares e numerosos civis.

A toda a hora chegam novos militares e paisanos.

CUNHA LEAL E SINEL CORDES

estão presos

no quartel do Carmo

Do quartel do Carmo, onde têm estado reunido o govêrno, recebemos, pelo telefone, a seguinte nota oficiosa:

O governo comunica ao povo que a quasi totalidade da guarnição de Lisboa se encontra a seu lado para defesa da ordem publica. Todo o povo da cidade o acompanha neste momento de excepcional importancia. O govêrno espera que todos cumpram o seu dever.

Uma nota: João Rocha «Corticeiro», despede-se de Diniz Rocha, comunista, seu irmão. Abraçam-se. João Rocha vai para a Rotunda, Diniz Rocha vai para o Quartel do Carmo.

* * *

A' 1,30, chega um automovel com o alferes Matos e Silva e outros revolucionarios.

Participam que corre o boato de que o governo pensa armar os civis ás 4 horas da tarde.

Esta noticia provocou grande entusiasmo entre os revolucionarios, anciosos pelo embate.

* * *

No edificio do liceu de Camões devia reunir esta tarde o Congresso do P. R. P. A's 2 horas a sala encontrava-se cheia de congressistas, notando-se as opiniões mais desencontradas sobre se devia ou não reunir o Congresso. Ao aparecer na sala o sr. Alvaro de Castro, ouviu-se uma prolongada salva de palmas, finda a qual aquele deputado disse ser sua opinião que o Congresso devia reunir, embora o chefe do governo fosse de opinião contraria. As opiniões cada vez eram mais desencontradas, resolvendo-se, devido a terem saido muitos congressistas, não realizar o Congresso.

O "ultimatum"

A's 12,5 o capitão Pereira Dias foi a casa do general Sinel de Cordes, afim dêste ir impôr a demissão do governo ao Carmo.

Se no praso de uma hora, o govêrno não se demitir, romperão as hostilidades.

* * *

Um grupo de oficiais revolucionarios foi ás 12,30 a casa dos srs. general Sinel de Cordes e capitão Cunha Leal.

O general declarou que pouco antes lhe haviam mandado um automovel do Carmo, para ele lá ir.

Declarou que iria afirmar ao Carmo que, tratando-se dum movimento militar, estava ao lado dele.

Cunha Leal declarou que não colaboraria, desde que se deixasse ficar o Teixeira Gomes. Caso contrario, está de alma e coração com o movimento.

Devem ir buscá-lo daqui a bocado para a Rotunda.

No Parque Eduardo VII

A's 11 horas e 25 chega um oficial de telegrafistas de campanha, declarando que o batalhão adere ao movimento.

Nesse momento, chegam três policias da Segurança, á paisana, que foram presos pelos revolucionarios.

Declararam que não andavam em nenhuma missão especial. Foram-lhes apreendidas três pistolas.

Ao meio dia, no batalhão da G. N. R. de Campolide receberam ordem do Carmo para atacar os revolucionarios.

Responderam que não o faziam, porque não tinham forças para isso, e que, de resto, eram, acima de tudo, oficiais do exercito.

As comunicações desse quartel foram cortadas.

* * *

O comandante Filomeno declara que não farão perseguições, limitando-se a meter na cadeia os ladrões e os assassinos.

* * *

Ao meio dia chegou o tenente João Gonçalves Cal, que ha tempos saltou o muro do quartel general, onde estava preso pela tentativa de assalto.

* * *

A's 12,20, Raul Esteves diz-nos:

— Está a chegar o grupo de artilharia da Ameixoeira, comandado pelo major Rocha.

* * *

A's 2 horas chega a informação de que está funcionando no Liceu Camões o Congresso do P. R. P. Partem três automoveis e dois «camions» com oficiais, soldados e civis para dissolverem o Congresso.

* * *

A's 2,25, falámos com o tenente-coronel Raul Esteves, que nos afirmou não haver duvidas possiveis sobre o triunfo do movimento:

—Ha horas que nos estão anunciando ataques. E até agora ainda só apareceram adesões. Estou convencido que nenhum oficial se prestará a combater-nos.

* * *

No Congresso democratico, quando estava a falar Alvaro de Castro, entraram o alferes Mata e Silva e alguns revolucionarios.

O alferes dirigiu-se á mêsa e disse que, em nome da Junta Revolucionaria, dissolvia o Congresso.

Os congressistas obedecêram, abandonando o edificio, sem qualquer incidente.

* * *

A Junta Revolucionaria é constituida pelos general Sinel de Cordes, comandante Filomeno da Camara e Raul Esteves.

A's 3,12, começou o tiroteio do lado da Rua Braamcamp.

Um grupo de civis disparou alguns tiros contra as vedetas dos revoltosos que os puzeram em fuga.

* * *

A's 3,20 chegou ao acampamento, o filho de Sidonio Pais.

* * *

A's 3,30 chegou ao acampamento o sr. major Licinio Pinto, comandante do Batalhão de Telegrafistas de Campanha que vem a caminho da Rotunda.

* * *

Na Rotunda e nos arredores estão numerosos civis (27 de Abril, presidencialistas, nacionalistas e extra-partidarios) armados de pistolas e de bombas, estando por eles vigiadas todas as embocaduras das ruas e os predios da visinhança.

* * *

Ao toque de alvorada a bandeira do 1.º Grupo de Metralhadoras foi hasteada com todas as honras.

O B. S. C. F. trouxe a sua bandeira.

Das três unidades não faltou um unico oficial.

Ha informação de varias unidades da Divisão não hostilisarem.

* * *

Foi o tenente Jorge Botelho Moniz — que já fizera o mesmo no 5 de Dezembro — quem deu os dois tiros do alto da Penitenciaria.

* * *

A' 1 hora, na Rotunda, continua-se aguardando a resposta ao «ultimatum».

O alferes Mata e Silva, com um «camion», cheio de soldados armados de carabinas e de metralhadoras, apreende todos os automoveis que passem das imediações.

Parte do grupo a cavalo toma posições na Parada de metralhadoras.

O caso de Bemfica

Quando o grupo a cavalo passava em Bemfica, ás 5 da manhã, surgiu um esquadrão da G. N. R.

Um dos oficiais do grupo, depois de ordenar as devidas precauções, dirigiu-se ao comandante do esquadrão, deixando-o ir em liberdade depois dele ter garantido que não hostilisaria o movimento.

* * *

A's 6 horas da manhã, o ministro do Interior esteve no quartel da G. N. R. de Campolide, retirando-se meia hora depois. A esse tempo, já os revoltosos estavam tomando posições na Rotunda, onde a concentração começou ás 6 horas.

* * *

O regimento de telegrafistas de campanha vem a caminho da Rotunda á **1 hora e 10.**

Uma patrulha de revolucionarios apreendeu o automovel do ministro dos Negocios Estrangeiros, na rua Castilho.

Começam a chegar mais automoveis apreendidos.

* * *

A's **11 horas** reuniram no quartel de artilharia 3, na Ajuda, comandante da 1.ª Divisão, chefe do Estado maior e chefe do gabinete do ministerio da guerra, a fim de concertarem um plano de ataque.

O coronel Oliveira Simões afirmou que, no caso dos revoltosos não se renderem até á noite, dará inicio ás hostilidades.

* * *

Estivemos em Belem **ás 2 horas** da tarde. Era como se nada houvesse de anormal na cidade. Apenas nas ruas alguns grupos trocavam impressões e preguntavam aos que chegavam da Baixa *o que havia de novo?*

No Palacio só o sr. Barreto da Cruz, chefe do protocolo. O sr. Presidente da Republica saiu de Belem ás 6 horas da manhã e dirigiu-se ao Quartel do Carmo onde ia assistir ao conselho de ministros que ali se estava realizando por motivo do movimento revolucionario que pouco antes rebentara.

Ao meio dia e um quarto, comandada pelo coronel Aguiar, saiu do quartel de infantaria 1 a coluna mixta de ataque composta por infanterias 1 e 2, cavalaria 2 e artilharia 3, num total de mil homens aproximadamente.

Artilharia 3 era comandada pelo coronel Valdez e tinha como segundo comandante o tenente-coronel Mac-Bride. O batalhão de infanteria pelo major Bivar e infantaria 2 pelo major Crespo.

A coluna, com cavalaria 2 a abrir a marcha, subiu a calçada da Tapada e dirigiu-se a Monsanto, na melhor ordem.

* * *

A's 2 horas da tarde chegaram á estrada do Penedo, perto do forte de Monsanto, onde se encontram acampadas as forças do governo, o comandante da 1.ª divisão militar, o 1.º e 2.º comandantes da policia e o chefe do gabinete do sr. ministro da guerra, tenente coronel sr. Oliveira Simões, que imediatamente conferenciaram com o comandante em chefe das forças fieis ao governo, coronel sr. Aguiar.

O chefe do gabinete do sr. ministro da guerra, interrogado pelo *Diario de Lisboa,* declarou *que ás 3 horas se iniciaria com fogo de artilharia o combate ás forças revolucionarias.*

Vae romper fogo!

Na Cruz das Oliveiras, ás 2,30. Chegou Infantaria 1 com metralhadoras. Anda a cavalaria a rondar a serra. O sol queima; os moradores do sitio, ja habituados a estes sobresaltos sangrentos, preparam-se para o que dér e vier.

Chega o sr. Ferreira do Amaral. Chega tambem o sr. José Domingos dos Santos numa roda de paisanos.

—Vai começar o fogo?

—Vai cumprir-se uma palavra dada.

—Que virá depois?

—Sabe-se lá... O nosso dever, agora, é este. Depois...

Depois... era já um campo de batalha, nitido, caracteristico, arrepiante, toda aquela falda soalhenta da serra.

Fala José Domingues dos Santos

Na Cruz das Oliveiras, onde se encontram acampadas as forças do governo, esteve, ás três e meia, conferenciando com o general comandante da 1.ª divisão, com o chefe do estado maior sr. Matias de Castro e com o comandante em chefe das forças governamentais, coronel Aguiar, o antigo chefe de governo sr. dr. José Domingues dos Santos, que se fazia acompanhar por dois secretarios.

O «leader» do partido democratico, ao passar em Campo de Ourique, foi detido por forças revoltosas, mas, devido a um dos secretarios ser possuidor duma carteira de jornalista, conseguiu libertar-se, seguindo o seu destino.

Falando com um redactor do «Diario de Lisboa», sobre os acontecimentos, o sr. Domingues dos Santos afirmou:

—Tudo deve ficar resolvido hoje.

—Com sangue?

—Não pode deixar de ser. Este movimento é uma consequencia da queda do meu governo. Nada teria acontecido se eu ainda estivesse no meu logar. De ha muito teria mandado prender os cabecilhas.

—O que virá a suceder?

—Embora eu, particularmente, não deseje que haja sangue, tenho a certeza de que a Republica ficará mais prestigiada pela vincada orientação das esquerdas.

Fala Pestana Junior

A' porta do Quartel do Carmo ás 3 horas da tarde o movimento era enorme. Deputados, politicos, revolucionarios civis, tudo esperando ordens ou aguardando noticias. Num grupo, o sr. dr. Pestana Junior, que foi ministro das Finanças do governo José Domingues dos Santos:

—Dr., o que ha?

—O que vê...

—Qual é a sua posição?

—Ao lado do governo, firme e intransigente, enquanto o governo for capaz de resistir.

—E se não fôr?

—Sempre e em todas as circunstancias ao lado da Republica e da ordem.

* * *

Entramos no Quartel do Carmo. Esta lá todo o governo e o sr. Presidente da Republica. Agitação e nervosismo. Ha uma ancicdade enorme em toda a gente.

* * *

A's três horas da tarde, dois delegados da C. G. T. avistam-se com o governo para combinarem uma acção comum que parece ter ficado estabelecida.

Afirmam-nos, porém, que tal reforço, só em ultimo caso será utilisado, devendo o ataque ser feito em primeiro logar pelas tropas regulares.

O ataque ás forças revoltosas vai iniciar-se imediatamente.

Estão suspensas as garantias

O *Diario do Governo* publica hoje o seguinte decreto:

Considerando que estão decorrendo em Lisboa graves acontecimentos que perturbam a ordem e ameaçam a segurança do Estado;

Considerando que é indispensavel tomar prontas e energicas providencias, de fórma a assegurar rapidamente a tranquilidade do país;

Usando das faculdades concedidas ao Poder Executivo pela Constituição Politica da Republica Portuguesa, nos artigos 26.º, n.º 16.º, e 47.º, n.º 6.º:

Hei por bem, com o voto do conselho de ministros, decretar o seguinte:

Artigo 1.º E' declarado o estado de sitio em todo o país, com suspensão total das garantias constitucionais.

Art. 2.º Este decreto entra imediatamente em vigor.

Os ministros de todas as repartições, em exercicio, assim o tenham entendido e façam executar. Paços do Governo da Republica, 18 de abril de 1925.—*Manuel Teixeira Gomes*—Vitorino Maximo de Carvalho Guimarães—Vitorino Henriques Godinho—Adolfo Augusto de Oliveira Coutinho—Ernesto Maria Vieira da Rocha—Fernando Augusto Pereira da Silva—Joaquim Pedro Martins—Frederico Antonio Ferreira de Simas—Henrique Monteiro Correia da Silva—Angelo de Sá Couto da Cunha Sampaio Maia—Francisco Coelho do Amaral Reis.

* * *

Eis o manifesto militar:

«A' Nação Portuguesa

Viva Portugal.

Viva a Republica.

Viva o exercito de terra e mar.

Viva o Povo Português.»

TEATRO DE S. CARLOS TELEFONE C. 3068

Hoje não ha espectaculo pela COMPANHIA LUCILIA SIMÕES com a graciosissima comedia

O Sinal de Alarme

a fim de se realisarem os CONCERTOS do

Trio de Paris

TEATRO SÃO LUIZ

HOJE

Penultima representação do

Rato de Hotel

FRANCINE—Auzenda de Oliveira

TEATRO DE S. CARLOS TELEF. C. 3063

Sociedade do Teatro de S. Carlos, Ltd.

TRÊS CONCERTOS

pela

Orquestra Sinfonica de Madrid

sob a direcção do notavel maestro

HENRIQUE ARBÓS

EM 23, 24 E 25 DO CORRENTE

Termina amanhã o praso para aquisição de bilhetes em conjunto para estes três concertos.

Politeama Emp. Luis Pereira — Telef. 3028 N.

Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro

HOJE, ás 9 — Ultimas representações

A MASSAROCA

e a revista VEM CÁ, NÃO TENHAS MEDO!

De 22 a 27 do corrente, representações da "Tournée" FRANCE ELLYS para as quais termina hoje a assinatura livre.

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049

HOJE, ás 21-15

Espectaculo de gargalhada com a notavel comedia

O Abade Constantino

MAGNIFICO DESEMPENHO

Protagonista—Chaby Pinheiro

TEATRO da TRINDADE

Emp. JOSE' LOUREIRO TELEF. C. 876

HOJE, ás 21

A peça de grande espectaculo

AS TANGERINAS MAGICAS

Exito inegualavel Absoluto triunfo

Teatro MARIA VITORIA

TERÇA-FEIRA, 21, EM DUAS SESSÕES

A nova revista

Rataplan!

Novos scenarios e guarda-roupa

Grande aparato

EDEN TEATRO Telef. N. 3800

Empresa Conceição Silva, Ltd.

HOJE, ás 8-45, novo e grandioso triunfo da

Troupe Russa ELTZOFF

sob a direcção musical do maestro ALVES COELHO

3.ª apresent. da bailarina PILAR NEBRA

Novo report. das 4 SISTERS RUSSELS GIRLS 4

Amanhã, ás 3 da tarde, «matinée»

A INDUSTRIAL DE CARNES, L.DA

Séde e Escritorio

210, Rua dos Correeiros, 212

LISBOA

Telefone N. 5350 — Telegramas TRIALCARNES

Concessionaria para a venda de **Fiambres** e **Pasta Foie-Gras** de acreditados fabricantes estrangeiros

Especialidade em:	Secção especial	Preparação e fornecimento de:
Toucinhos Banhas Chouriço de carne Chouriço mouro Unto Prezuntos Linguiça	de fornecimentos para Bordo, Roças, Hoteis, Azilos, Cooperativas, etc.	Carne de vaca salgada em barris de 100 quilos, propria para mantimentos de bordo

Fornecedora das prinpciais casas de Lisboa, Provincias, Ilhas e Africa

Descontos aos revendedores

DUNLOP

PO D'ARROZ D'ARTISTAS

O mais adherente. Amacia e avelluda a pelle, dando-lhe os tons mates : : : : da Juventude : : : : :

O preferido pelas primeiras artistas

Caixa 8$50=1/2 caixa 5$00

PERFUMARIA MENDONÇA

43—Calçada do Combro—47

LISBOA

Aos Automobilistas

A acreditada vulcanisação de

FRANCISCO BERNARDINO — R. do Telhal, 21

lembra que não mandem concertar os seus pneus e camaras, de ar sem confrontar os preços da sua casa, que é a unica devido á baixa de cambio, que mais barato e com maior perfeição e seriedade executa os seus trabalhos. Tambem tem coberturas novas para pneus, ficando estes com a mesma resistencia de novos. Esta casa é a unica que se responsabilisa pelos seus trabalhos.

LEILÕES

Nos domicilios e estabelecimentos, promovem-se. Liquidação rapida e sem despesas. Trata-se com os agentes:

F. Costa & Nunes

Rua José Falcão, 20, 3.º Esq.

MAPLES POR CONTA DO FABRICANTE FAZEM-SE A 480$00 : : : : FABRICAÇÃO GARANTIDA : : TRAVESSA DA QUEIMADA, 31, 1.º

RESTAURANT LA-MAR

Bairro Clemente Vicente

DAFUNDO

E' o restaurant mais economico emtodo o Dafundo.

Optimos gabinetes reservados; com um bom serviço de ceias a qualquer hora.

TAPETES DA PONTE DA PEDRA

Unicos depositarios em Lisboa

Brocados, Damascos, Veludos e Peles para estofos

ANTIGUIDADES E DECORAÇÕES

C. de Oliveira, L.da

RUA NOVA DO ALMADA, 53, 2.º

PELES

SEM pagar luxo, concertos, transformações. Rua Silva Albuquerque, 25, 2.º

JOIAS

Aconselhamos V. Ex.ª a visitar a exposição da Joalharia Barreto & Gonçalves, Lda., o maior e mais completo sortido por preços sem concorrencia. JOIAS ANTIGAS, algumas bastante preciosas pela sua raridade. Prata a peso, Faqueiros, Salvas, Serviços, etc. A maxima seriedade nas transacções.

BARRETO & GONÇALVES, L.DA

17, R. Eugenio dos Santos, 17

Telefone N. 3759 (Primeira vinda do Rocio)

IMPORTANTE LEILAO DE PENHORES

(Em atrazo de juros)

A IDEAL, LIMITADA

Rua da Assumpção, 88, 1.º—Telef. N.º 5180

No dia 23 do corrente e seguintes, pelas 13 horas (1 hora da tarde), constando de ouro, prata, brilhantes, joias, platinas, fazendas, bijouterias, papeis de credito, Maquinas de escrever, de costura e fotograficas, Pianos e Auto-Pianos com musicas, AUTOMOVEIS, camionettes, Carrosserie sport, de 3 logares, Motos ligeiras e com sid-car, Bicicletes, Motor de 4 cilindros, para automovel, magnetos e acessorios diversos, pneus e bandages, motores electricos e um engenho mecanico de furar e respectivo torno, etc., etc.

PRESTAM-SE TODOS OS ESCLARECIMENTOS

ESTRANGEIRO

FRANÇA

O novo ministerio parece ter um bom ambiente no Parlamento

PARIS, 18

O novo gabinete Painlevé é constituido por 5 senadores e 14 deputados, além de Caillaux, que não pertence ao Parlamento.

O grupo parlamentar republicano democratico aprovou uma moção que considera como provocação a escolha para ministro de Caillaux, condenado por entendimentos criminosos com o inimigo durante a guerra.

O grupo radical decidiu apresentar a candidatura de Herriot á presidencia da Camara dos Deputados, vaga pela subida ao poder de Painlevé.

O ambiente parlamentar é considerado com equilibrio para o novo ministerio. — (L.)

O governo

apresenta-se segunda-feira ás Camaras

PARIS, 18

Paul Painlevé, novo presidente do conselho de ministros, fez hoje, ao meio dia, a apresentação dos seus colaboradores a Doumergue.

No conselho que ha de reunir na segunda feira no Eliseu, sob a presidencia do Chefe do Estado, serão fixados os termos da declaração ministerial, devendo o novo governo apresentar-se ás Camaras na terça feira. — (H.)

A 3 de maio

fazem-se as eleições municipais

As eleições municipais foram fixadas para o dia 3 de maio, devendo a campanha eleitoral ser iniciada no proximo domingo.

Por toda a cidade estão espalhados 15.000 cartazes dos varios partidos politicos, que têm de fazer eleger os conselheiros municipais. — (L.)

Maria da Conceição Ferraz de Sequeira

FALECEU

Confortada com todos os Sacramentos da Egreja

Antonio Ferraz de Sequeira, sua mulher, filhos e genro; João Ferraz de Sequeira, sua mulher e filho; Carlos de Chateuneuf, suas filhas e genro e Margarida Borges de Sequeira, participam o falecimento de sua mãe, sogra, avó e cunhada, devendo o funeral realizar-se ámanhã, domingo, ás 2 horas da tarde, da rua Vitor Cordon, 36, 2.º, para o cemiterio da Ajuda.

O TEATRO FRANCEZ

CHEVALIER E Vallée

os dois "azes" do "music-hall"

VEEM BREVEMENTE A LISBOA

PARIS, 15. — Não posso dizer o ano e a freguezia em que nasceu Maurice Chevalier. Sei apenas que veio ao mundo num beco de Menilmontant, em pleno Belleville, o bairro mais popular e mais curioso de Paris.

Assim, Maurice Chevalier, é parisiense porque nasceu em Paris, mas não deixaria de ser o mais parisiense de todos os parisienses se tivesse nascido numa praia da Bretanha ou sobre os montes de Carcassonne, debaixo dos castanheiros d'Auvergne ou entre as vinhas da Gironde.

Mas quem é Maurice Chevalier?

Uma rapariga de Paris, *midinette* dum *faubourg* ou *vendeuse* dum *boulevard*, quando ouve dizer *Chevalier*, ganha brilho nos olhos, mostra os dentes, toma uma pose á *Maurice* e canta:

Il est beau, je l'aime bien,
ta... ta... ta... tan... tan... tan!

Um dia, Maurice, para ganhar a vida, quiz aprender qualquer coisa. A familia era pobre e ele não tinha vocação para os livros. Precisava dum oficio que tivesse alguma graça. Fez-se electricista. Mas como era um pouco travesso e um tanto abelhudo, poz-se a brincar com o perigo e — zás! — levou um choque que, por sua vez, o ia levando para o cemiterio. Deixou as pilhas e os fios e lançou-se na arte dos moveis. Entretanto o corpo pedia-lhe movimentos: Sentia-se na oficina como um passaro na gaiola. E deitou-se a fazer recados para ganhar centimos, entregando embrulhos aqui e contos acolá. Mas esta vida não realisava a esperança da sua vida.

Chevalier — M.me Vallée

Naquele tempo falava-se na Yvette Guilbert, no Mayol e no Polon, os grandes idolos do Music-Hall. Até se falava na Mistinguett! E Maurice gastava o tempo nas ruas decorando as quadras e os «refrains» que dominavam a simpatia popular. Emquanto Mistinguett, a estrela mais rutilante das revistas, iluminava o Folies-Bergères, Chevalier imitava palhaços e acrobatas, divertindo os frequentadores dum «bal Musette» que lhe davam cobre, cigarros e cerveja.

Passaram anos, aventuras e grandes amores. Hoje, Maurice Chevalier ganha o que quere ganhar; e ei-lo, em breve, a caminho de Buenos-Ayres, onde recebe um milhão de francos por quatro meses de trabalho!

Que faz este homem? O mesmo que muitos outros: canta e dança. A «sua» arte parece vulgar. Ha tanta gente que sabe cantar e dançar! Para mim, a «sua» arte é unica. Chevalier, como Charlot, tem imitadores ás duzias e ás centenas, tanto na Europa como na America; mas não tem concorrente em Paris. Maurice Chevalier é invencivel!

Olhai as canções que Paris lança pelas ruas e que a França atira por esse mundo; escutai os «refrains» que se aprendem e que se assobiam nos «boulevards»; todas essas musicas alegres e brejeiras, editadas por Salabert e adaptadas ás revistas da Peninsula; lá tendes, na capa, Maurice Chevalier de chapeu alto ou de chapeu de palha, com flores no jaquetão ou com fundilhos nas calças, mas sempre de risca ao lado, sempre a sorrir, num sorrir excentrico e exquisito, verdadeiramente pessoal.

Se Sarah Bernardt foi «a alma da noite de Paris» Maurice Chevalier é «a vida». A facilidade com que ele arranca uma gargalhada de qualquer espectador é a mesma com que ele impõe a sua vontade á qualquer empresario. Os leões dos bastidores parisienses, como Volterra e Dufrene, têm um domador: Maurice Chevalier! Ou lhe pagam generosamente ou vai passear, divertindo-se com os seus automoveis, com os seus cavalos e com os seus barcos de recreio. O ultimo contracto de Chevalier com o Palace rezava «seis meses de representações a 2000 francos por noite e mais um bonus de 1000 francos por cada «matinée».

* * *

Ivonne Vallée é miuda, graciosa e saltitante. A sua escola é a escola de Maurice Chevalier. Não teve outro mestre. Maurice procurou adaptar Yvonne á sua maneira de gesticular e de dançar: Duma garota fez uma mulher e uma artista.

Yvonne, no palco, é a reprodução feminina dum original masculino; Yvonne, na rua, é a parisiense que seduz mas que não deixa seduzir-se. Em familia, Yvonne é deliciosa na franqueza e na simplicidade. No seu peito, ha preces para Deus, esmolas para os pobres e afagos para os animais.

Das *vedettes* modernas é a unica que sabe apresentar uma caricatura exacta dos trajes, das manias e da pronuncia que se notam nos cantões mais tipicos da França. Depois, Yvonne, com os seus vinte anos e com os seus cabelos muito negros, com os nervos do seu temperamento e com a fragilidade da sua silhueta, é uma mulher que embriaga e uma artista que domina.

Se Maurice Chevalier é elegante, Yvonne Vallée é graciosa. Da elegancia e da graça de dois artistas que são Artistas, que devemos esperar?

C. A. F.

Telefones do "Diario de Lisboa" { Redacção—C. 3194 / Administração—C. 1470

BERLIM

O nome do marechal Hindenburgo para a presidencia e a imprensa...

BERLIM, 18

Os jornais da direita publicam um artigo do conde de Westarp sobre a candidatura do marechal Hindenburgo. O chefe nacionalista diz entre outras coisas:

—A eleição de Hindenburgo seria a franca manifestação da vontade da Alemanha a não se curvar com fraqueza e sem dignidade ante todos os actos de violencia e todos os desejos do nosso opressor estrangeiro. Já passou o tempo em que a Alemanha, diante do triplo pedido de Wilson renegou três vezes o seu imperador. Aquele que votar em Hindenburgo mostrará ao mundo que os alemães estão decididos a abrir, eles mesmos, o caminho da sua liberdade. O nome de Hindenburgo incarna a fidelidade pela Prussia, pelo passado militar e monarquico da Alemanha. — (H.)

A politica

e a candidatura de Hindenburgo

BERLIM, 18

A candidatura do marechal Hindenburgo continua a dar logar ao mais formidavel choque de paixões politicas.

Ao passo que uns o atacam, acusando-o de responsavel pela derrota da Alemanha e sem envergadura para tão alto posto, pois nunca se preocupou com a politica, o conde Nestay escreve que a eleição do marechal significará a firme vontade de a Alemanha em não se curvar, com fraqueza e sem dignidade, perante as vilanias dos opressores estrangeiros, e que o povo alemão está decidido a libertar-se. — (L.)

BERLIM, 18

Os jornais republicanos dizem que Marx foi recebido em Koenigsberg, onde teve um acolhimento muito caloroso, e que esta manifestação republicana, na propria fortaleza do nacionalismo, faz augurar a vitoria do candidato das esquerdas. — (H.)

6 HORAS DA TARDE **ULTIMAS NOTICIAS** 6 HORAS DA TARDE

O MOVIMENTO MILITAR

A's qüinze horas

as tropas fieis ao governo abrem fogo contra os revoltosos

O GOVERNO

conta dominar a revolução

O fogo, que rompeu cêrca das 4 da tarde, com intermitencias, tem-se mantido da Cruz da Oliveira (governo) para o Alto da Penitenciaria (revoltosos), que não foi atingido. Os revoltosos têm tentado visar o quartel do Carmo, sem o atingirem.

As granadas de um e outro lado têm caido nas ruas, algumas no coração da cidade.

A população encontra-se sobresaltada, sem que as forças procurem uma plataforma.

A's 18 e 5 falámos com o chefe do governo, no quartel do Carmo:

—Não lhe posso dizer nada. Não por falta de vontade. E' que estou extenuadissimo. O governo conta dominar dentro em pouco a situação.

A perspectiva da noite é pouco tranquilizadora, apesar de a ordem na cidade estar assegurada, fora dos locais da luta.

Como foi preso o sr. Cunha Leal:

A' 10 horas da manhã o sr. governador civil transmitiu para a 17.ª esquadra uma ordem para deter o «leader» nacionalista. A ordem tinha sido dada ao chefe do distrito pelo presidente do ministerio.

Ao mesmo tempo que a policia se punha em campo, os secretarios do sr. Vitorino Guimarães — Claro Chaves e Godinho Cabral — vigiavam as proximidades da residencia do parlamentar.

Inquiriram; alguem lhes disse na visinhança que estiveram á porta do sr. Cunha Leal em automovel, 1 capitão, 5 tenentes e 1 alferes, vindos da Rotunda, e que mais tarde se aproximara um «camion» com duas metralhadoras.

—O sr. Cunha Leal está?

Responderam de dentro que o sr. Cunha Leal tinha saido.

Os captores, porém, não desistiram; decorridos 20 minutos, o sr. Cunha Leal aparecia, saindo de casa, para se meter num automovel que o transportou á estação proxima da Companhia Carris — o ilustre deputado reside na Avenida da Republica.

Ha um desafio de velocidades entre o automovel do «leader» nacionalista e o dos seus captores, até, que, vencido o motor e a distancia, se dá o encontro.

O sr. Claro Chaves avançou, e teve uma frase indecisa:

—Sr. capitão: faz favor...

O sr. Cunha Leal, absolutamente sereno:

—Que pretende de mim? Estou inteiramente ás suas ordens.

Godinho Cabral, como o seu colega continuasse a hesitar, intrometeu-se:

—Vimos pedir-lhe o favor de chegar comnosco ao Quartel do Carmo...

Cunha Leal teve uns segundos de hesitação, tambem. Depois — eram já 10,30 —resolveu num gesto de energia:

—Pois bem!

Entrou no automovel dos captores; estes correram as cortinas, numa prevenção inteligente; Cunha Leal quiz entregar a pistola a Claro Chaves; como êste se recusasse a aceitá-la, ofereceu-a a Godinho Cabral, que, por seu turno, não quiz tomá-la.

—Então, então, preso...?

—Não! V. Ex.ª vai, apenas para conferenciar...

E foram todos a caminho do Carmo.

* * *

No Quartel da Guarda Republicana, o sr. Cunha Leal soube, então, que tinha de considerar-se prisioneiro, e protestou:

—Já sabia ao que vinha. Estou preso... vim preso. Mais cobardia, menos cobardia... podiam ter sido leais comigo, que nem sequer corriam risco por isso...

E ficou detido.

* * *

Como foi preso o sr. general Sinel de Cordes:

O sobredito oficial fôra ao Quartel do Carmo negociar. Era um parlamentar dos revoltosos. Chegou; foi apresentado ás pessoas que procurava; e disse:

—O revoltosos incumbiram-me de transmitir a V. Ex.as que só desarmam quando estivèr constituido um novo governo, ao qual pretendem que eu presida.

Era meio dia. O sr. Vitorino Guimarães, daí a momentos, mandou dizêr isto ao sr. Sinel de Cordes:

—Considere-se imèdiatamente preso. A rèsposta ao seu «ultimatum», será o fogo que vamos mandar abrir pelas nossas tropas.

E, horas depois, começava o fogo, do lado de Monsanto para o acampamento dos revoltosos.

* * *

A's 4 horas da tarde, artilharia 3, que está acampada perto do Aqueduto das Aguas Livres, disparou 3 tiros de peça para a Rotunda. Os revolucionarios abriram fogo contra essa bataria.

Pouco tempo depois do Castelo foi disparado um tiro para a Rotunda a que os revolucionarios, responderam com varias granadas, obrigando o Castelo a calar-se.

A's 4 25, de bordo de um dos navios de guerra, foi disparado um tiro de peça contra a Rotunda.

Travou-se viva fuzilaria de metralhadoras contra as tropas do governo que estão junto do Aqueduto das Aguas Livres.

Até agora ainda não caiu nenhuma granada na Rotunda.

Varios revolucionarios civis sairam da Rotunda, armados de bombas, em direcção á Baixa, para evitar qualquer ataque por parte de elementos afectos ao governo.

Os comandantes revolucionarios desmentem a nota oficiosa do governo, dizendo que têm a promessa de quasi todas as tropas, de que, a não tomarem parte no movimento, não o hostilizarão.

Os comandantes revoltosos estão no quartel de metralhadoras, de onde dirigem as operações.

* * *

O comandante do grupo de batarias a cavalo, em Queluz, sr. tenente-coronel Malheiros, cujo regimento aderiu por completo ao movimento, apresentou-se em Campolide, onde declarou não aderir, tendo tentado tomar o comando da sua unidade, pelo que foi preso.

* * *

A primeira granada das forças fieis ao governo caiu em frente ao Eden Teatro, provocando grande panico no publico e dissolvendo uma assembleia da União dos Interesses Economicos, que se encontrava reunida num edificio proprio.

* * *

A's 16 horas esteve na Cruz das Oliveiras, acompanhado do major Viriato Lobo, antigo governador civil de Lisboa, o deputado Antonio Maria da Silva, que conferenciou com o comandante da 1.ª divisão militar.

* * *

Os dois tiros de peça que foram atirados da Rotunda contra o Castelo de S. Jorge, foram explodir nos telhados dos predios n.os 13 e 15 do Poço do Borratem, onde causaram enormes prejuizos, matando José de Almeida, de 62 anos, empregado numa loja da rua Silva e Albuquerque.

José de Almeida, que residia no 4.º andar com sua familia, estava no corredor, onde passava casualmente.

* * *

O combate principiou ás 14 e 16. Da Rotunda responderam com duas granadas. A primeira, feriu num braço o soldado Antonio Duarte, de artilharia 3, e a outra, uma muar.

* * *

A's 16,30, interrogado por um jornalista do *Diario de Lisboa*, o comandante da 1.ª divisão militar afirmou:

—Os homens que aqui tenho sob as minhas ordens são suficientes para dominar os revoltosos.

Os revoltosos prendem o chefe do estado maior

Ao passar na Ajuda o automovel que conduzia o chefe do Estado Maior, coronel sr. Matias de Castro, algumas praças do Grupo de Telegrafistas de Campanha que andavam em serviço de vigilancia, deram-lhe voz de prisão.

A nossa reportagem

«Diario de Lisboa», no desejo de bem informar o publico, procurou, graças a um grande esforço dos seus redactores, fazer uma larga reportagem dos acontecimentos, dentro da sua habitual linha de exactidão.

Com a suspensão das garantias, veiu tambem a censura á imprensa.

Não podemos, neste momento, deixar de sugeitar-nos ao ineluctavel. Lastimamos, porem, que um trabalho tão escrupuloso e completo possa ficar inutilizado.

Pedimos a censura que se lembre da cidade e do país, que carecem de ser informados devidamente.